Raízes das Narrativas: possibilidades de contribuição para a história da Educação Matemática

Fernando Guedes Cury[46]

RESUMO

O presente texto explora algumas ideias sobre as raízes da narrativa, intrínseca a diversas atividades humanas, discutindo-a a partir de uma analogia com as narrativas construídas por xamãs (líderes espirituais), caçadores e historiadores, abordando questões místicas das narrativas e seu papel na constituição da história, ficcional ou verídica, à luz de considerações de autores como Carlo Ginzburg, Nicolau Sevcenko e Benedito Nunes. Finalizamos apresentando e discutindo alguns exemplos de trabalhos acadêmicos que tiveram suas análises desenvolvidas segundo os aspectos aqui debatidos e que se apresentam como possibilidades ao uso de análise (narrativa) de narrativas na/para a História da Educação Matemática.

Os nexos entre história e narração fizeram parte do argumento desenvolvido em um conhecido ensaio de Carlo Ginzburg, "Sinais: raízes de um paradigma indiciário", presente na obra **Mitos, Emblemas e Sinais**: morfologia e história. No texto, o italiano liga diretamente a história a outras formas de inteligibilidade da realidade: o historiador, como o caçador primitivo, aprendia a capturar, a partir de pistas, rastros muitas vezes fugidios, os fios de uma narrativa. Segundo Ginzburg (1989),

> Por milênios o homem foi caçador. Durante inúmeras perseguições ele aprendeu a reconstituir as formas e movimentos das presas invisíveis, pelas pegadas na lama, ramos quebrados, bolotas de esterco, tufos de pelos, plumas emaranhadas, odores estagnados. Aprendeu a farejar, registrar, interpretar e classificar pistas infinitesimais como fios de barba. Aprendeu a fazer operações mentais complexas com rapidez fulminante, no interior de um denso bosque ou numa clareira cheia de ciladas (p. 151).
> (…)
> O caçador teria sido o primeiro a narrar uma história porque era o único capaz de ler, nas pistas mudas (se não imperceptíveis) deixadas pela presa, uma série coerente de eventos (p.152).

O ato de narrar está, portanto, entre as faculdades humanas mais antigas e é instrumento importante de sobrevivência, mas também de transmissão e preservação de heranças identitárias e de tradições, sob a forma de registro oral ou escrito,

[46] Docente do Departamento de Matemática da UFRN, Campus de Natal. matfernando@yahoo.com.br..

caracterizando-se, principalmente, pelo movimento peculiar de contar, transmitir com palavras as lembranças da memória no tempo. Observar o lugar de onde uma narrativa é anunciada, as pessoas que a emitem, os símbolos que subjazem para a situação da exposição são muito importantes para uma avaliação desta narrativa como um sistema complexo.

Para estudar as raízes desse ato de narrar, o historiador Nicolau Sevcenko (1988), servindo-se de estudos antropológicos, aponta que com o aparecimento do *homo erectus*, entre 500 mil e 400 mil anos atrás, portanto no período chamado paleolítico superior, a linguagem articulada se tornaria possível para os hominídeos pela primeira vez. Esta mudança promoveu não só alterações de cunho linguístico, mas social: os homens passaram a comer de forma mais lenta que outros animais e, por isso, levavam seu alimento para comer perto de outros iguais, criando-se a possibilidade de estocagem e da distribuição dos momentos de alimentação durante o dia, a semana etc. Assim, a relação entre a alimentação e o desenvolvimento da fala se estreitam: a alimentação em grupo, por motivos de segurança e promovendo a repartição da comida, exige um aumento na complexidade da comunicação.

Apesar de um ambiente cultural toscamente definido, Sevcenko (1988) diz que, diferentemente do seu antecessor australopiteco, o *homo herectus* desenvolvia ferramentas com padrões de simetria e definia suas relações com o mundo pelo ritmo. "A mudança no padrão dos objetos, simultânea a uma intervenção estética, revela crescente complexidade na ordenação social" (PFEIFFER citado por SEVCENKO, 1988, p.122). E uma "aceleração" neste desenvolvimento se deu por volta de 100 mil anos atrás, quando um novo período glacial encontrou vagando pela Terra outro hominídeo: o *neanderthal*, da linhagem dos *homo sapiens*. Os rigores do inverno rigoroso obrigaram a sofisticação das técnicas de sobrevivência e organização social.

> Datam desse período as primeiras evidências de práticas cerimoniais, culturais mortuárias, crenças na vida após a morte e do que já se podem denominar formas abstratas de arte, no sentido de formas de simbolização e de estilização. Nada disso seria possível sem a base de uma linguagem articulada muito desenvolvida. Para além dos ritmos simétricos, a linguagem se liga agora ao mito e à arte. (SEVCENKO, 1988, p.123).

Em face de uma sociedade em formação, unida pela necessidade da sobrevivência e "iniciada" nas artes, surge um tipo que, sob diferentes roupagens, com outros nomes, permanece até hoje. Trata-se do xamã, o detentor dos saberes, encarregado de manter e perpetuar a identidade do grupo. Nada acontecia sem que ele

interferisse. Sua figura é um limiar, uma transição, uma passagem estreita como uma garganta de uma caverna, que liga o profano ao sagrado, o cotidiano ao sobrenatural, o presente ao passado e ao futuro, a vida com a morte. Sua função era a de arrastar as pessoas para uma travessia ritual na qual elas se desprendem das referências do dia-a-dia, e assim, inseguras, assustadas, confusas, se entregam à sua orientação, vivendo um modo superior, mais elevado, de experiência, para retornarem depois, transformadas pela vertigem do sagrado que lhes ficará impresso na memória pelo resto de suas vidas. Os xamãs eram, entre outras coisas, os pintores das cavernas ou produtores de alguma forma de arte visual. Nas rodas em torno do fogo, no interior das cavernas, o xamã usava de suas responsabilidades para narrar histórias que serviam para as mais diversas atribuições: desde um ritual para decisões importantes até a libertação das tarefas do cotidiano. Muito mais pela maneira como eram contadas do que pelo que estava sendo dito, as pessoas deixavam-se levar pelo ritmo, pela cadência das palavras, pelo som. Assim, chegando ao auge de um êxtase, todos eram conduzidos pelos comandos e movimentos do xamã, e ao voltarem à realidade, traziam consigo uma nova experiência de vida, parte inabalável de sua cultura e de sua identidade. Contavam histórias tradicionais, atemporais, eternas, das origens e dos mitos. A narrativa do mito era sua atividade central, pois, além da voz, o xamã valia-se dos gestos, das danças, das músicas, das batidas do tambor para encantar o ouvinte (SEVCENKO, 1988).

O que se observa nos contos tradicionais em relação à repetição de estruturas, de enredos, de expressões, é parte da construção de uma narrativa que, inicialmente, além da voz, valia-se do gesto, da dança, da música, da batida do tambor para encantar o ouvinte. O que chegou até nós são resquícios disso na força da repetição e da expectativa criada. O ritmo é construído pelos refrões, pela linearidade da sucessão dos episódios. Tal construção é o que vai prender a atenção dos espectadores. Nessas cerimônias

> A palavra não tem valor ou peso por si mesma, ela tem valor enquanto ritmo, enquanto marcação, enquanto cadência. Ela não se manifesta enquanto sabedoria, mas enquanto música, enquanto melodia. E é por isso que é capaz de convencer. Por isso ela tem a força de repor nos homens a energia que se vinha abatendo (SEVCENKO, 1988, p. 127).

A narrativa do mito era, pois, uma performance comunitária, já que dela derivam a música e a coreografia. As narrativas eram metrificadas, cantadas, dançadas. Mas estas experiências xamânticas foram por muito tempo classificadas como formas de loucura provisória. Segundo Sevcenko (1988), Sócrates define de forma clara este

preconceito ao atribuir aos poetas uma inspiração instintiva como a dos videntes ou profetas, ao invés de uma sabedoria consciente, e aos filósofos a capacidade de analisar pela razão a existência da verdade e da justiça. Assim, a fixação da razão como única fonte legítima de reflexão e percepção do mundo como algo que só surgiu mais tarde, vinculado à crise da Pólis e a expansão do comércio para além dos limites das cidades gregas, promoveu mudanças nos quadros sociais e o surgimento do legislador responsável por redefinir as instituições, as regras de convenção sociais, os canais de decisões políticas, os estatutos morais. Esta nova fundação cívico-religiosa do mundo desencadeou simultaneamente tanto a difusão de doutrinas gnósticas quanto a incursão à Filosofia, à História, à Ciência, à narrativa literária e política. Esta ambiguidade se perpetua "do mito ao pensamento racional, mas aquele não é pura imaginação desordenada e este tende a se impor como um novo mito" (SEVCENKO, 1988, p.133).

Mais tarde, no período medieval, a História (*History* – entendida aqui como conjunto de conhecimentos relativos ao passado da humanidade, segundo o lugar, a época, o ponto de vista escolhido) ainda era vista como um conjunto de histórias (*story*), crônicas, narrativas de fatos que podiam, inclusive, ser lendários, realizados por grandes homens de um passado remoto, mas que, ainda assim, não se distinguia do período presente, no qual o cronista o rememorava. É nesse momento que se apresenta uma significativa divisão da História: sagrada e profana, de acordo com sua relação com a História Cristã – uma classificação que seguiu até o século XVII, quando os estudos históricos foram alocados na vizinhança da Retórica pelos humanistas do Renascimento (NUNES, 1988, p. 10).

Uma outra partição da História deu-se também no século XIX, quando ficaram delineadas a História-arte e a História-ciência, no momento em que veio à cena o historiador profissional (ou o profissional chamado "historiador"). A História-arte pode ser definida como uma narrativa que recria acontecimentos como se fossem presentes e a partir da qual o historiador nos fornece imagens do passado, sendo necessário contar com uma "imaginação projetiva", o que tornaria explícitas sua vivência e experiência como narrador, aproximando-o, portanto, de um artista. Por outro lado, para a História-ciência, a narrativa como relação dos acontecimentos encadeados seria uma etapa preparatória de uma generalização indutiva, caminho para um "verdadeiro conhecimento histórico". Para os adeptos desta última linha, como aponta Pomian (apud NUNES, 1988), aquela imaginação projetiva, ligada à vivência do historiador, seria

deixada de lado, dando espaço para a razão como garantia de uma objetividade. Entretanto, esta busca pela objetividade, no fim das contas, resultou em simples narrativas com o encadeamento dos acontecimentos que pretendiam contar, ou em edições críticas de fontes já conhecidas (ibidem).

Essas duas formas de se encarar a História, a da narrativa e a da pesquisa, a do historiador-escritor e a do historiador-pesquisador, teriam favorecido sua "passagem" para o campo das Ciências Sociais, o que acabou acarretando o abandono da narrativa dos melhores mestres, mais próxima do labor artístico, posto que a modernidade buscou a institucionalização do conhecimento histórico.

Mas se admitimos uma vinculação entre Ficção, Ciência e Historiografia, pensando esta última, de maneira simples, como a investigação, uma prática voltada ao registro de "fatos sociais" das civilizações recorrendo, segundo Nunes, a leis gerais das ciências, inclusive fazendo uso da Ficção – que por intermédio do romance ou do drama pode alcançar um nível de generalidade semelhante ao do pensamento científico –, então o caráter de Ciência conquistado pelo conhecimento histórico não deveria suprimir a base narrativa que mantém sua ligação com o ficcional.

Aprofundando-se ainda mais nesta matéria, Benedito Nunes propõe-se a responder três interessantes questões: Como o tempo participa da teoria da narrativa? Como a narrativa entra na teoria da História? Como História e ficção se interceptam?

> O tempo entra na Teoria da Narrativa pela porta larga do discurso e aí se elabora de acordo com a dinâmica do enredo. Mas como essa dinâmica está relacionada com a *compreensão narrativa*, por sua vez relacionada à sua inteligibilidade prática, o tempo entra por aquela porta do discurso, que é também a dos atos de linguagem, vindo da dimensão *intratemporal* da existência humana, conforme atesta a pré-compreensão da ação que a *mímesis* carreia para a obra. Daí a natureza circular do nexo recíproco entre *narratividade* e *temporalidade*: a articulação narrativa do tempo depende de uma experiência temporal prévia.
>
> Respondendo à segunda questão, diremos que a narrativa entra na Teoria da História pela porta da inteligibilidade da *história* (*story*) – *sua aptidão para ser seguida*, que remonta, em última análise, à *pré-compreensão* da ação. Dessa maneira, estamos sempre dentro do mesmo circulo hermenêutico que circunscreve a temporalidade da História e da Ficção. Pois se o tempo de ambas é narrado (*temps raconté*), e também configurado, essa articulação da experiência temporal já se encontra esboçada no *mundo-da-vida*, onde duas espécies narrativas se enraízam.
>
> O círculo se romperia – ou se agravaria? – com a *refiguração* do tempo pelo ato da leitura, extensivo à História. Ao ler uma obra historiográfica, as potências imaginativas da *figuração* tornam visível o passado. A imaginação se faz visionária: 'o passado é o que eu teria visto, aquilo de que eu teria sido testemunha ocular, se estivesse estado lá, como o outro lado das coisas é aquele que eu veria se as percebesse de onde você as considera'. A leitura, portanto, *ficcionaliza* a História. Em contrapartida, a leitura *historiciza* a Ficção, na medida em que a voz narrativa situa no passado o mundo da obra.

> É, pois, na refiguração do tempo que a narrativa histórica e a narrativa ficcional se interceptam, sem se confundirem (NUNES, 1988, p. 34, itálicos do autor).

Dessa forma, pode-se considerar que as duas formas de conhecimento histórico – aquela da História-arte e a da História-ciência – complementam-se na base de um discurso narrativo comum que une também, como formas simbólicas, História e Ficção.

A seguir, apresentamos exemplos de trabalhos acadêmicos que entendemos ter relações com os elementos discutidos acima, mesmo que não tenham sido inspirados nos autores e obras citados em nosso texto.

A tese de Carlos Roberto Vianna volta-se a professores que, atuando em departamentos de Matemática, optam por exercer atividades, predominantemente, no campo da Educação Matemática. A partir de depoentes que vivenciam ou vivenciaram essa condição, Vianna (2000) tematiza as resistências que estes professores sofrem/sofreram por parte de seus colegas e busca constituir o que seria, para seus narradores, utopias da Educação Matemática que praticam. O autor exercita, ao mesmo tempo e num estilo inusitado (chamando à cena leitores inexistentes, situações e circunstâncias até então impensáveis como parte de um texto acadêmico) formas alternativas para apresentar os vários depoimentos coletados. As transcrições, textualizações, transcriações[47] e ficções declaradas compõem, no corpo da tese, uma polifonia que é um claro retrato da negação de que haveria UMA forma (ou uma pluralidade de formas que convergiria para uma mais perfeita, adequada ou definitiva) que dê conta das experiências humanas, ou seja: inexistindo um modo de dar conta da experiência do outro, como o outro a experienciou, nos resta exercitar tentativas de aproximação (via linguagem), trabalhando com estilos e formas alternativas, sem a intenção de que essa série de exercícios seja definitiva para prender a experiência narrativa do outro.

A tese de Thiago Pedro Pinto, defendida em 2013, dedicou-se a analisar ao desenvolvimento do Projeto Minerva, que promoveu educação com cursos supletivos pelo rádio no Brasil dos anos 1970. A partir de uma multiplicidade de fontes escritas (jornais, relatórios, fascículos, scripts etc), sonoras (programas de rádio) e depoimentos orais (entrevistas) e apoiado nos jogos de linguagem de Wittgenstein, Pinto se permitiu

[47] Etapas do tratamento de depoimentos em História Oral.

usar uma transmissão de um programa de rádio como alternativa para a análise das informações relativas à criação, implementação e função/importância dessa modalidade de proposta educativa, isto é, educação a distância. Este programa de rádio, um suposto debate sobre o Projeto Minerva, permitiu, segundo ele aponto:

> /.../ colocar em confronto alguns dos Projetos Minerva constituídos por nós ao longo desta pesquisa. Adotar uma postura ou outra para em seguida defender uma diferente, com personagens 'fictícios', foi o modo que encontramos para não adotarmos apenas UMA dentre tantas possibilidades levantadas nestes mais de três anos de trabalho (PINTO, 2013, p. 58, maiúsculas do autor).

Já em Silva (2007), o tratamento e a teorização de narrativas, sob a vertente da história oral, teve como objetivo analisar o processo de constituição da identidade do Centro de Educação Matemática (CEM) – grupo que atuou, sobretudo, nos anos de 1984 a 1997 na cidade de São Paulo e que se apresenta como "equipe prestadora de serviços de assessoria e consultoria especializada em Educação Matemática a escolas, Diretorias de Ensino, Secretarias de Educação e instituições especializadas como a Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas – CENP e a Fundação para o Desenvolvimento da Educação – FDE da Secretaria de Educação do Estado de São Paulo" (SILVA, 2007).

Visando a abranger todos os aspectos – inclusive linguísticos – das diferentes teorias da identidade na análise das narrativas sobre o CEM, o texto de Silva foi configurado sob os moldes da análise narrativa, mas segundo os quatro diferentes discursos científicos. Para tanto, textos literário-fictícios foram produzidos – baseados na obra dos heterônimos de Fernando Pessoa – situados em fragmentos isolados, estando cada um deles na forma de diálogos narrativos entre a pesquisadora e uma personagem-heterônimo ("inventou-se" novos depoentes para a pesquisa). Os conteúdos de cada um desses fragmentos versam sobre a análise do processo de constituição das identidades do CEM segundo as bases teóricas aceitas e vividas pela personagem em questão. A ideia geral foi que cada personagem auxiliasse a pesquisadora na análise de tal processo de modo que juntas pudessem realizar uma "leitura plausível" dos parâmetros teóricos adotados.

A estratégia heteronímica ajudou a autora apontar que os aspectos da identidade são determinados exclusivamente pelo modo como ela encara esse conceito como também pela situação em que as pessoas encontram-se inseridas no momento em que articulam sobre identidade.

Por fim, em Cury (2011), o autor apresenta uma narrativa –das várias possíveis – sobre a constituição de cursos de formação de professores de matemática e das instituições formadoras do estado do Tocantins, explicitando as compreensões obtidas a partir dos discursos, dos dados, das circunstâncias, de como as histórias de diferentes pessoas, registradas em seus depoimentos, o auxiliam a compreender um cenário específico. Cury aposta na narração de uma trama temporal que tenta ressignificar os dados e enfatizar seu caráter único, fugindo de uma generalização. A tentativa foi a de buscar em depoimentos, textos, documentos e em sua própria vivência pontos de convergência e de divergência, o que era recorrente e o que era singular, para compor uma narrativa que deveria ser entendida como cerne de pesquisa. E todo o caminhar do trabalho, explica, – o projeto, o levantamento de dados, o estudo de documentos e referências bibliográficas, a criação e o estudo das fontes constituídas a partir das entrevistas, os debates com o orientador e o grupo de pesquisa, a avaliação dos membros da banca de qualificação – alicerça a construção daquela interpretação sobre a institucionalização da formação de professores de matemática no Tocantins.

Trata-se, segundo reforça Cury (2011), do movimento de buscar, de perseguir pistas e rastros que o pesquisador executa como faz o caçador quando recria os passos da sua presa para segui-la, juntando peças e tomando suas incertezas em relação à história que escreve como ponto de partida para iniciar e, cada vez mais, aprofundar uma investigação na qual devem estar, tanto quanto possível, explícitas as intercambiantes relações que se tecem num contexto temporal e geográfico específico, um contexto, portanto, entendido como lugar de possibilidades historicamente determinadas.

Referências

CURY, F. G.. **Uma Historia da Formação de Professores de Matemática e das Instituições Formadoras do Estado do Tocantins**. Tese (Doutorado em Educação Matemática) - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, 2011.

GINZBURG, C. **Mitos, Emblemas e Sinais**: morfologia e história. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

NUNES, B. Narrativa Histórica e Narrativa Ficcional. In RIEDEL, D. C. (org.)**. Narrativa:** ficção e história. Rio de Janeiro: Imago, 1988. p. 9-35.

PINTO, T. P.. **Projetos Minerva**: caixa de jogos caleidoscópica. Tese (Doutorado em Educação para a Ciência) - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, 2013.

SEVCENKO, N. No Princípio era o Rítmo: as raízes xamânticas da narrativa. In: RIEDEL, D. C. (org.)**. Narrativa:** ficção e história. Rio de Janeiro: Imago, 1988. p. 120-136.

SILVA, H.. **Centro de Educação Matemática**: fragmentos de identidade. Tese (Doutorado em Educação Matemática). Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2007.

VIANNA, C. R. **Vidas e Circunstâncias na Educação Matemática**. Tese de Doutorado em Educação – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, 2000.